

A trajetória do *Binômio*, um jornal “quase independente”¹

Alexandre Ferreira Nonato e Mauro César Silveira¹

Resumo

O *Binômio* (1952-1964) foi um jornal alternativo de Minas Gerais, considerado um dos precursores da imprensa de resistência, mesmo sendo praticamente ignorado nas grandes obras de história do jornalismo brasileiro. Antes do período militar, o *Binômio* já trazia características que também seriam marcantes em publicações alternativas durante a ditadura: humor, irreverência, ironia, combate à força política dominante. O presente artigo tem como objetivo mostrar a trajetória desse jornal e sua relevância histórica tanto no campo político como no quadro da imprensa nacional.

Palavras-chave: História do jornalismo, jornalismo alternativo, jornalismo investigativo, jornalismo mineiro, *Binômio*.

Abstract

Binômio (1952-1964) was an alternative newspaper of Minas Gerais, one of the pioneers of resistance press, despite being virtually ignored in the great works of history of Brazilian journalism. Before the military period, the *Binômio* already had characteristics that would also be marked in alternative publications during the dictatorship: humor, irreverence, irony, combat the force dominant political. This article aims to show the trajectory of this newspaper and its historical relevance in the political field as well as important part overview of the national press.

Keywords: History of journalism, alternative journalism, investigative journalism, journalism of Minas Gerais, *Binômio*

Introdução

O presente artigo tem como objetivo principal mostrar a trajetória do extinto jornal mineiro *Binômio*, sua relevância histórica tanto política quanto no âmbito da imprensa nacional. Para isto, apresentaremos suas características jornalísticas, as singularidades das diferentes fases, alguns exemplos de matérias relevantes.

Em 12 anos de existência, o *Binômio* imprimiu 508 números, edição de Belo Horizonte, além de 293 números de Juiz de Fora, totalizando 15 mil páginas. Grande

¹ Alexandre Ferreira Nonato é mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), pós-graduado em Docência do Ensino Superior. E-mail: alenonato@yahoo.com.br

Mauro César Silveira é Doutor em História Ibero-Americana pela PUC/RS e Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua na graduação e na pós-graduação, e coordena o Grupo de Estudos de História do Jornalismo. E-mail: maurocs@cce.ufsc.br

parte desse acervo foi destruída durante o regime militar e conseguiu ser reunida através de arquivos particulares para a publicação do livro *Binômio: o jornal que virou Minas de cabeça para baixo*, cuja primeira edição foi lançada em 1997 (RABÊLO, 2004).

O *Binômio* é apontado como um dos pioneiros da chamada imprensa nanica, apresentando pouca rentabilidade e baixa circulação - se comparado aos grandes jornais do país, embora já tenha vendido 60 mil exemplares em uma única edição. Antes do período militar, o *Binômio* já trazia características que também seriam marcantes em publicações alternativas durante a ditadura: humor, irreverência, ironia, combate à força política dominante. Mesmo assim, é praticamente ignorado nos livros mais abrangentes sobre a história do jornalismo brasileiro.

Uma das raras – e breves – referências consta da obra de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários*, que o aponta como um dos precursores da imprensa alternativa, tanto na forma como no conteúdo, apesar do autor registrar uma tiragem máxima bem inferior, da ordem de 25 mil exemplares. Um pioneirismo atingido ironicamente pela mesma ditadura militar onde floresceriam os jornais nanicos:

À política concentracionista seguiu-se, a partir de abril de 1964, a força da repressão. Todos os veículos do campo popular, a maioria defensores das reformas de base, fecharam. Muitos de seus editores tiveram que se exilar. Entre os primeiros exilados estavam José Maria Rabelo, diretor d'O Binômio, semanário de sátira e crítica política fundado em 1952, em Belo Horizonte, por ele e por Euro Arantes, um dos veículos precursores da imprensa alternativa dos anos de 1970 – pela sua forma tabloide, pela sua linha de crítica e contestação e por sua precariedade administrativa. Binômio chegou a vender 25 mil exemplares. Quando foi fechado por oficiais do Exército, em 1964, vendia seis mil exemplares. (KUCINSKI, 2003, p.39).

O estudo apresentado neste artigo baseia-se na análise produzida a partir do acervo desse jornal e de uma revisão bibliográfica do período, dentro das atividades do Grupo de Estudos de História do Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1 Origem

Há cerca de 46 anos os militares invadiram a redação do jornal *Binômio*, destruindo equipamentos e grande parte do acervo histórico do jornal. Muitos colaboradores foram perseguidos e presos pelo novo regime político que se

implantava no país, a partir daquele momento. Um dos seus fundadores, José Maria Rabêlo, partiu para o exílio, passando dezesseis anos fora do Brasil.

O *Binômio* foi um jornal mineiro que surgiu em 17 de fevereiro de 1952, por iniciativa de dois jovens jornalistas, José Maria Rabêlo (23 anos) e Euro Arantes (24 anos). O nome *Binômio* expressava a linha de oposição e de humor político que marcou a trajetória dessa publicação. Na época, Juscelino Kubitschek era governador mineiro (integrava o PSD, considerado um partido formado por integrantes de uma elite sócio-econômica) e foi eleito com o *slogan* “Binômio Energia e Transporte”, prometendo tornar seu estado moderno e industrializado. Para isto, ele investiria em construção de usinas de energia e estradas para favorecer o desenvolvimento da região (KUBITSCHKEK, 1976).

Os dois jornalistas decidiram, então, criar o “binômio da verdade”: Sombra e Água Fresca (este passou a ser o subtítulo do jornal). O *Binômio – Sombra e Água Fresca* – era uma insinuação irônica sobre o comportamento do governador Juscelino Kubitschek, que já tinha fama de ser boêmio e um grande apreciador de festas com danças e que lhe rendeu o apelido de “Nonô pé-de-valsa”.

Outra marca de irreverência na capa era a presença da expressão “órgão quase independente”. Uma clara provocação aos grandes jornais diários que se intitulavam “independentes”. O *Binômio* foi acusado por muitos jornalistas e políticos de ser uma publicação vinculada e patrocinada pela UDN, maior partido de oposição na década de 50. Mas Rabêlo rebatia: “Temos noventa e nove por cento de independência e um por cento de ligações suspeitas. O oposto exatamente do que acontece com nossos ilustres confrades, que têm um por cento de independência e noventa e nove por cento de ligações suspeitas” (RABÊLO, 2004, p.18).

E ainda complementava na explicação sobre o envolvimento com o partido político:

Havia na Assembleia Legislativa um deputado muito combativo. Milton Sales (pai do também ex-deputado Milton Sales), conhecido como o Ferrinho de Dentista, pela sua obstinação nas críticas que fazia ao governo. Ele conseguiu convencer os colegas da bancada de seu partido, a UDN, a contribuir para o lançamento de um jornal oposicionista, e nos procurou perguntando se topávamos. Não perguntou duas vezes e, em poucos dias, o Binômio estava nas ruas. O primeiro número foi financiado por eles. No segundo, já foi só a metade. No terceiro, ficou apenas o deputado Milton Sales e sua solitária solidariedade. A partir daí o jornal teve que se virar sozinho. (RABÊLO, 2004, p.18).

O jornal não dispunha de redação, nem de empregados. Havia apenas os fundadores e uma máquina de escrever Olivetti. Porém, ao longo dos anos, eles conseguiram reunir um corpo de colaboradores - jornalistas, escritores, cronistas, colunistas, chargistas - invejável a qualquer grande jornal: Geraldo Mayrink, Fernando Sabino, Rubem Braga, Roberto Drummond, Fernando Gabeira, José Aparecido Oliveira, Dídimo Paiva, Fernando Mitre, Sérgio Porto, Herbert José de Souza (Betinho), Millôr Fernandes (Vão Gogo), Ziraldo, Rafael Siqueira (RAF), Barão de Itararé, entre outros. Alguns desses colaboradores vieram mais tarde a integrar os principais jornais alternativos durante o regime militar, como *Pif Paf* e *Pasquim*.

2 O jornalismo nos “Anos Dourados”

Antes de examinar, ainda que brevemente, as três distintas fases do *Binômio*, torna-se necessário compreendermos o contexto em que essa publicação esteve presente, principalmente no seu auge, na década de 50. Esse período histórico é marcado pelas mais profundas mudanças até então verificadas no jornalismo brasileiro, determinando a consolidação da sua fase industrial: inovações tecnológicas, melhorias na infraestrutura profissional, adoção do modelo norte-americano de produção de notícias estruturadas a partir do *lead* – em nome de uma suposta imparcialidade –, entre outras modificações. Como assinala Nelson Werneck Sodré (2007, p.391): “As transformações, que se aceleram extraordinariamente na segunda metade do século XX, são de alcance e profundidade muito maiores do que aquelas iniciadas nos fins do século XIX”.

As técnicas de redação do chamado jornalismo informativo, que continuam prevalecendo em 2010 nas grandes publicações diárias do país - refratárias ao cenário mutante da comunicação que impõe a reinvenção dos meios impressos diante da ameaça digital crescente -, têm sua trajetória inicial no país no *Diário Carioca*, em 1951, através de uma reforma editorial liderada pelo chefe de reportagem Luís Paulistano, com o apoio do diretor Danton Jobim e do chefe de redação Pompeu de Sousa. A importação – e implantação – do *lead* teve um sabor nacional: a criação por Paulistano do *sublead*, estendendo as informações importantes e interessantes ao segundo parágrafo, na estrutura hierárquica da notícia. A novidade alavancou, de forma significativa, a circulação e o jornal atingiu a tiragem de 45 mil exemplares nos dias úteis e 70 mil aos domingos.

Em 1956, com uma estrutura bem mais sólida, o *Jornal do Brasil* – que deixou de circular em papel a partir de 1º de setembro de 2010, mantendo apenas a versão on-line na web - iniciou uma profunda reforma gráfica e editorial, que após quatro anos de execução representou um marco na história da imprensa brasileira. Liderada por profissionais como Reinaldo Jardim, Ferreira Gullar e Jânio de Freitas, a nova proposta revolucionou também visualmente o jornalismo impresso do país. Graças ao talento de Amílcar de Castro, responsável pelo *design* inovador de jornais e revistas, o *Jornal do Brasil* abandonou a pesada diagramação assentada em colunas cercadas por fios e tomada por anúncios classificados que ostentava na primeira página para uma capa mais leve, privilegiando as principais matérias da edição.

Também merecem ser destacadas, nesse período, as modificações introduzidas pelo jornal *Última Hora*. Criada em 1951 por Samuel Wainer, com o apoio do então presidente Getúlio Vargas, essa publicação foi além do seu vínculo com o poder político da época. A *Última Hora* apresentou inovações de ordem técnica: manchetes com tipografia grande e forte, uso da cor na diagramação, mais espaço para o fotojornalismo, destaque a temas de apelo popular junto com as áreas tradicionais, como política, economia e mundo. Essas editoriais apareciam no primeiro caderno, enquanto o segundo caderno tratava de esportes, entretenimento e reivindicações populares, com atenção especial à cobertura policial. Se atribui a essa combinação uma das mais fortes razões para o sucesso de público do jornal, que, em março de 1952, pouco mais de um ano depois de sua fundação, já atingia a marca de cem mil exemplares.

Mas a importância inovadora da *Última Hora*, superdimensionada em algumas obras sobre história do Jornalismo, precisam ser relativizadas, como observa, com propriedade, Marialva Barbosa. A autora prefere chamar a atenção para a singularidade da aliança selada por Samuel Wainer com o ex-presidente Getúlio Vargas e considera que o jornal se insere num contexto mais amplo, ao lado de outras publicações da época:

Com isso, não estamos querendo dizer que Última Hora não tenha adotado novas fórmulas editoriais e redacionais, mas enfatizando que não se pode deixar de enxergar o discurso que constrói o projeto gráfico e editorial como o “mais inovador” de seu tempo como mítico. Se de fato houve implantação de estratégias administrativas e editoriais, muitas delas já vinham sendo adotadas por outros periódicos. O que se questiona, portanto, é o fato de se tomar como um dado real e inquestionável a afirmação de que Última Hora tenha, mais do que qualquer outro periódico, renovado a imprensa brasileira.

A renovação que implementa não é produto apenas do gênio criador de um só homem, no caso Samuel Wainner, mas de um processo de acumulação de experiências no jornalismo carioca. (BARBOSA, 2007, p. 173).

O apoio financeiro da UDN, conforme apontaram jornalistas e políticos da época e que mencionamos anteriormente, pode ter sido vital para a sobrevivência do *Binômio*. Esse período de avanços tecnológicos também foi marcado pela concentração econômica, exigindo grandes capitais, especialmente nos negócios jornalísticos. Experiências alternativas, como muitas revistas e jornais estudantis que circularam naquele período, não tinham fôlego financeiro para sobreviver por muito tempoⁱⁱ. Assim, as relações estabelecidas com o poder político e econômico eram vitais para viabilizar os projetos na área da Comunicação, atingindo a amplos setores do espectro ideológico daquela década, alguns deles contando com reforço do exterior: “Ao mesmo tempo em que combatia os empréstimos do Banco do Brasil à *Última Hora*, a UDN não só obtinha do Governo canais radiofônicos para servirem à sua disposição, [...] mas igualmente silenciava em torno da corrupção norte-americana canalizada especialmente para os meios de comunicação a serviço do golpismoⁱⁱⁱ” (SODRÉ, 1999, p. 403).

Mesmo que estivesse vinculado a um partido político, a irreverência do *Binômio* – sobretudo, na sua primeira fase, como veremos mais adiante – representa uma quebra da tendência que dominava a forma de produção do jornalismo brasileiro nessa conjuntura política e econômica. Como já vimos, a imprensa industrial em ascensão deixou para trás um modelo que vigorava desde o século XIX. De acordo com Abreu (1996, p. 15), a imprensa brasileira na década de 50 foi abandonando a tradição de combate, de crítica de doutrina e de opinião: “Essa forma de jornalismo convivía com o jornal popular, que tinha como características o grande espaço para o *fait divers*, para a crônica e para a publicação de folhetins. A política da atualidade não estava ausente, mas era apresentada com uma linguagem pouco objetiva”.

Assim, o jornalismo de opinião, que no Brasil teve forte influência francesa desde os seus primórdios, foi gradualmente sendo substituído pelo padrão estadunidense até a década de 60, aproximadamente. Este jornalismo, vigente até os dias atuais, privilegia a informação e a notícia, excluindo o comentário pessoal visando uma transmissão de fatos supostamente objetivos. Um marco da

implantação deste modelo no Brasil foi o lançamento da obra *Introdução ao Jornalismo*, de Fraser Bond (1962).

Lattman-Weltman (1996, p. 157-167) também enfatiza que, durante a década de 50 - conhecida popularmente como “Anos Dourados” -, o país passou por grandes mudanças na economia, principalmente na área de industrialização. Com isso, é possível identificar nesse período uma massificação do rádio e da televisão. Na imprensa escrita, foi um momento em que se estabeleceu definitivamente o “jornalismo empresarial”, como destacamos no início desta parte. O conteúdo dos jornais passou por um “processo de objetivação jornalística”, fruto não apenas dessa profissionalização, mas também do “acirramento da concorrência interna da mídia impressa” e uma “adequação a um quadro político institucional que cada vez mais se aproximava dos ideais de funcionamento de uma ordem política representativa”.

Eletrodomésticos, automóveis e outras novidades tecnológicas trouxeram novos hábitos de comportamento e consumo aos brasileiros. As propagandas das mídias exaltavam a praticidade e o conforto da vida moderna. O cotidiano tornava-se mais prático em função dos novos recursos disponíveis à família brasileira. Antes da década de 50, o Brasil não produzia carros, jipes, navios ou qualquer veículo motorizado (FILHO & COSTA, 2006, p. 42-51; MIRANDA & NETO, 2006, p. 28-37; MOREIRA, 2005, p.14-19).

Não era somente no campo tecnológico que o Brasil mudava. Nas artes houve uma inovação em várias áreas. A Bossa Nova, de João Gilberto, lançada em junho de 1958 com a música “Chega de Saudade”, surge no mesmo período da inauguração do Palácio da Alvorada e da conquista da primeira Copa do Mundo de futebol. Vinícius de Moraes e Tom Jobim lançam a “Garota de Ipanema” e “exportam” a boêmia carioca. Copacabana e Ipanema tornavam-se celeiros de músicos e intelectuais emergentes. Tom e Vinícius também comporiam mais tarde a “Sinfonia da Alvorada”, encomendada para a inauguração de Brasília. No cinema, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos e outros trouxeram à tona a tendência neo-realista, com enfoques sociais e políticos. O lema era “uma câmara na mão e uma idéia na cabeça”. O filme *Rio Quarenta Graus* foi o marco do Cinema Novo (KORNIS, 2005: 26-29; LOYOLA & TRAUMANN, 2006:64-73).

Na literatura, são publicados o poema *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, e as obras *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1956), *Vila dos Confins*, de Mário Palmério (1956), e *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado

(1958). No teatro, são lançadas as peças o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (1957) e *Eles Não Usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri (1958).

3 Fases do Binômio

De acordo com um dos fundadores do jornal *Binômio*, essa publicação teve três fases bem distintas, que comparadas entre si parecem ser publicações diferentes em relação ao conteúdo (RABÊLO, 2004):

- a) 1952-1956: fase humorística, iconoclasta, em que a política era tratada de modo irreverente, debochada e com ironia através de charges, caricaturas, mas que também inclui artigos, notícias e contos. Esse período coincidiu com a administração de Juscelino Kubitschek em Minas Gerais, o último governo de Getúlio Vargas até seu suicídio, um período turbulento de transição política que culminou na posse do governador mineiro no Palácio do Catete.
- b) 1956-1960: fase panfletária que combateu ferozmente o governo Bias Fortes em Minas Gerais e o presidente JK (ambos do mesmo partido, PSD). Oposição que rendeu ao *Binômio* dificuldades para imprimir o jornal em Belo Horizonte devido às pressões políticas, obrigando o jornal a procurar gráficas em outras cidades.
- c) 1961-1964: fase considerada como uma continuação da segunda, porém com a bandeira da campanha de reformas de base, principalmente, na Educação, na Saúde, e a reforma agrária. Foi uma fase interrompida de modo violento, durante o golpe militar de 64, quando o jornal foi fechado.

3.1 Jornalismo e Humor

Na primeira fase, uma das edições mais lembradas e comentadas em Minas Gerais ocasionou a primeira apreensão do jornal. A edição do dia 20 de julho de 1959, domingo, trouxe a polêmica e ambígua manchete “Juscelino foi a Araxá e levou Rolla”. Duas edições antes, o jornal já havia publicado uma matéria com o título “Juscelino vai pôr Rolla na Praça Raul Soares”. O “Juscelino” em foco era o então governador Juscelino Kubitschek; “Rolla” se referia a Joaquim Rolla, conhecido incorporador que lançou um conjunto arquitetônico na Praça Raul Soares (hoje, chamado Conjunto JK), com o apoio do governo de Minas Gerais.

O Secretário de Segurança mandou apreender a edição do dia 20 de julho, porém a ação só resistiu 48 horas, quando o Tribunal de Justiça do Estado liberou a devolução da edição. Na edição seguinte, mais uma provocação do *Binômio*: “Juscelino quis pôr rolha no *Binômio*”. Novamente, o jornal utilizava a ambiguidade

para combater o Estado, se referindo a “rolha” como um modo de repressão e ao mesmo tempo uma expressão parônima de “Rolla”.

No mesmo período, o jornal continuou suas provocações lançando a série “História Secreta dos Amores de Nonô”. Embora sem se referir explicitamente a Juscelino Kubitschek, grande parte da população mineira sabia que o “Nonô” em questão era o governador mineiro. Os contos traziam a história de um garoto e suas paixões pelas garotas da sua adolescência até a fase adulta.

A edição de 16 de novembro de 1952 também foi um marco. Combatidos por parcela da população que considerava o *Binômio* uma publicação imoral e obscena, o jornal resolveu aproveitar a “fama” e anunciou (9 de novembro) a publicação de uma “edição imprópria para menores de 18 anos”. Anos mais tarde, diz Rabêlo (2004, p.24), “se o jornal normalmente já era considerado um escândalo por tanta gente, que esperar agora quando ele mesmo anunciava uma edição imprópria, que não devia ser levada para casa?”.

Na edição seguinte, o *Binômio* traz na capa um texto com o título “D. Heroína e o Pinto”. Na verdade, simplesmente publicou na primeira página uma nota que já havia sido divulgada pela *Tribuna de Minas*, órgão oficial do Estado, de 5 de novembro de 1959: “Despacho na Secretaria de Educação, sobre uma professora, Heroína Freitas, que pediu a juntada do sobrenome Pinto: ‘Não consta que D. Heroína Freitas tenha Pinto. Se o tem não o usou até agora. Se o Pinto é do seu marido, tem o direito de usá-lo oficialmente. À consideração superior. Defiro a D. Heroína o uso do Pinto, desde que prove sua existência”.

Ainda no editorial, a equipe do jornal aproveitou para responder seus críticos: “Aí está a primeira edição imprópria do *Binômio*. Hesitamos muito em prepará-la, porque temos compromissos sérios com os nossos leitores e alimentávamos o receio de ofendê-los em seus mais caros princípios morais” (RABÊLO, 2004:25).

3.2 *Jornalismo político e investigativo*

Nas duas fases seguintes, o *Binômio* se destacou por matérias investigativas, algumas delas premiadas, com repercussão internacional e referência em monografias, dissertações e teses do Brasil. Uma delas foi a cobertura sobre um obscuro incidente que ocorreu durante a construção de Brasília, período em que Juscelino Kubitschek era presidente do Brasil.

No dia 8 de fevereiro de 1959, domingo, segundo dia de carnaval, um *incidente, conflito* ou *trucidamento* (conforme noticiaram alguns jornais na época: Última hora, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Diário de Pernambuco), um *massacre* (de acordo com TEIXEIRA, 1982; CARVALHO, 1992; LOPES, 1996) ou uma *repressão* (COUTO, 2002) ocorreu no acampamento dos funcionários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, uma das empreiteiras responsável por várias obras na construção de Brasília.

A Guarda Especial de Brasília (GEB) reprimiu com violência um motim dos trabalhadores devido à precariedade das refeições servidas, ocasionando morte(s) e ferimentos. Depoimentos das vítimas sobreviventes, apurados pelo *Binômio*, contam que o conflito com a GEB foi o ápice da indignação dos trabalhadores quanto ao tratamento que recebiam na Pacheco Fernandes. Apesar da razoável remuneração, muitos reclamavam das condições de trabalho, da precariedade da comida, da pressão para trabalho ininterrupto visando cumprir os prazos de entrega (SOEIRO, 1990; QUEIROZ, 1991). Em cerca de um ano, Brasília seria inaugurada.

O incidente começou com dois carpinteiros que chegaram atrasados e bêbados para a refeição e teriam recebido marmitas em péssimas condições de higiene. Os dois operários começaram a confusão e intimidaram o cozinheiro-chefe. Três policiais foram acionados para deter os responsáveis pela confusão. Ao dar ordem de prisão dezenas de operários cercaram os guardas e impediram a ação.

Na versão oficial, por volta da 21h, 27 policiais foram ao acampamento armados com revólver calibre 38. Na versão extra-oficial de muitos candangos foram pelo menos 60 policiais, armados com revólver e pequenas metralhadoras. Chegaram ao local atirando. Muitos operários fugiram, mas nem todos conseguiram escapar dos tiros. Mesmo quem estava dormindo e nada sabia sobre a confusão foi perseguido. O inquérito policial aponta 45 trabalhadores agredidos (ROCHA, 2004).

A partir daí, a disparidade entre a versão do inquérito militar e os relatos dos candangos é enorme. A história oficial apresenta um morto e três feridos. Entre os sobreviventes do incidente há especulações que vão de 20 a mais de 100 assassinados naquele dia (TEIXEIRA, 1982; FREDERICO, 1980). O jornal *Binômio* foi o único jornal que enviou jornalistas (o repórter Dídimo Paiva e o fotógrafo Antônio Cocenza) para cobrir o fato pessoalmente. Os demais jornais noticiaram o incidente levantando informações por telefone ou utilizando agências de notícias.

Minas Gerais – Outra matéria investigativa com repercussão internacional foi a que denunciou a existência de comércio de seres humanos em Minas Gerais, também publicada em 1959 (no mês de março).

O jornalista Roberto Drummond, acompanhado pelo fotógrafo Antônio Cocenza (que registrou a negociação), comprou por CR\$ 4 mil (na época, o equivalente a US\$ 200) um casal de retirantes em Montes Claros (o homem com 36 anos e a mulher com 18). O casal veio do Maranhão com a promessa de trabalho. Muitos dos retirantes aliciados vindos do Nordeste já sofria algum tipo de exploração por donos de terras.

Para conseguir realizar a compra, o repórter se passou por um fazendeiro. Além do registro fotográfico da venda de pessoas, o jornalista conseguiu um recibo improvisado como prova do negócio. A matéria repercutiu nos EUA e na Europa. O casal foi levado à Assembleia Legislativa por deputados, depois encaminhados para trabalhar em uma fazenda, mas não se adaptaram e seguiram para São Paulo.

Outra curiosidade comentada com Drummond (*apud* RABÊLO, 2004, p.71-72) durante a negociação foi o apelo de um menino cearense, de 15 anos, órfão, que insistiu para ser comprado. E o traficante ainda disse: “Este tem futuro: o senhor me paga Cr\$ 2.450 e pode ficar com o bichinho... – falava como se vendesse um papagaio”. Os jornalistas não tinham dinheiro suficiente para mais uma compra e foram embora sem deixar de perceber os olhos cheios de lágrimas do rapaz.

Por muito pouco, a investigação não enfrentou problemas. Quando o avião estava decolando com os jornalistas e os retirantes, rumo a Belo Horizonte, uma comitiva em vários carros, chefiada pelo então prefeito da cidade chegava ao aeroporto com o objetivo de tomar o casal de nordestinos para não “conspurcar” o nome de Montes Claros.

Considerações finais

O jornal *Binômio* foi marcado pela controvérsia, não apenas pelo conteúdo apresentado. Avesso ao padrão norte-americano de objetividade jornalística, essa publicação informava, interpretava, analisava e opinava sobre os acontecimentos para um público interessado em um jornalismo crítico e político.

Apontado como um dos precursores da imprensa alternativa, como na obra de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários* (2003), citada no início deste artigo,

o *Binômio* nem mesmo é mencionado na obra de história do jornalismo mais alentada, a de Nelson Werneck Sodré (1999). Apresentando a trajetória desse extinto jornal mineiro, espera-se contribuir para futuros trabalhos que poderão aprofundar seu histórico, incluindo a verificação da extensão da influência dessa publicação em jornais alternativos da década de 60 e 70.

Referências

- ABREU, Alzira. Os suplementos literários – os intelectuais e a imprensa. In: ABREU, Alzira (et al.), *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOND, Fraser. *Introdução ao jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CARVALHO, Vladimir. *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Brasília: GDF/ Fundação Cultural, 1997.
- COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. São Paulo: Ed. Record, 2002.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que Construí Brasília*. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1975.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. *A Escalada Política – Meu Caminho para Brasília*. vol. II, Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1976.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. *50 Anos em 5 – Meu Caminho para Brasília*. vol. III, Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1978.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LOPES, Luis Carlos. *Brasília, o enigma da esfinge*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RABÊLO, José Maria. *Binômio: o jornal que virou Minas de cabeça para baixo*. Belo Horizonte: Barlavento, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TEIXEIRA, Hermes Aquino. *Brasília: o outro lado da utopia (1956-1960)*. Brasília: UnB, 1982.

Entrevistas de Arquivos Públicos

- QUEIROZ, Eronildes. Depoimento – *Programa de História Oral*. Brasília. ArqPDF, 1991.
- SOEIRO, José Irismar. Depoimento – *Programa de História Oral*. Brasília, ArqPDF, 1990.

Jornais e Revistas

- FILHO, Aziz & COSTA, Florência. O Inimitável. *ISTOÉ*. São Paulo, 2006, p. 40-51.
- FREDERICO, Jorge. É carnaval. A GEB metralha operários. *Jornal de Brasília*, 1980.
- KORNIS, Mônica. Os Anos Dourados. *Nossa História*. São Paulo, 2005, p. 26-29.
- LOYOLA, Leandro & TRAUMANN, Thomas. A Visão e o legado de JK. *ÉPOCA*. São Paulo, 2006, p. 64-73.

- MIRANDA, C. & NETO, L. Quero Ser Grande. *HISTÓRIA*. São Paulo, 2006, p. 28-37.
- MOREIRA, Vânia. Um salto para o futuro. *Nossa História*. São Paulo, 2005, p. 14-19.
- PAIVA, Dídimo. Polícia de facínoras transformou Brasília em capital do cangaço. *Binômio*, Belo Horizonte, 1959.
- ROCHA, M. Documento desvenda ‘massacre’ de Brasília. *Estado de Minas*, 2004.

Notas

ⁱ Parte deste texto integra o artigo científico intitulado *Binômio: humor e política em um jornal “quase independente”* produzido por um dos autores, Alexandre Ferreira Nonato, e apresentado no VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e realizado na USP, em novembro de 2009.

ⁱⁱ Aquelas publicações alternativas que sobreviveram seriam “tragadas pela ditadura”, em 1964, de acordo com Sodré (1999, p.409).

ⁱⁱⁱ O autor sintetiza o agitado cenário político da época, sem deixar de sublinhar o envolvimento do capital norte-americano: “O suicídio de Vargas, em 1954, e o libelo contido em sua carta de despedida, representaram alarma profundo ante a situação do país, cujos destinos o imperialismo tentava conduzir. O golpe de estado frustrou-se; foram realizadas eleições; foi escolhido o candidato Juscelino Kubitschek; foi este empossado, por força do Movimento de 11 de Novembro de 1955; por ter assegurado a manutenção das instituições, o general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra, moveu cerca de sessenta processos por crime de injúria e calúnia contra jornais controlados pelas agências estrangeiras de publicidade, todos sem resultado” (SODRÉ, 1999, p. 407).